

J. 101 FH

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
18 DE NOVEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (môrda forte)..... 900 »

OS NOSSOS

J. D.



Desfiam provas reaes
Os seus trabalhos dispersos,
Delicado é como os versos
Da Ceia dos Cardeaes!

Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios
para brindeg, desde 1\$000 réis, joias com bri-
lhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO

DE
LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa
Artigos para brindeg

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem
as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Suc-
cessor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º-Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral — Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

ADELAIDE CABETTE

MEDICA

DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas ás 2 da tarde

A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietarios

Palermo de Faria & C.^{ta}

Trabalhos typographicos em todos os generos

Rua de S. Paulo, 216
LISBOA

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que tem de fazer identificações e lidar com impressões digitais.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.^a

Rua Aurea, 186, 188 — LISBOA

COMPRAR



**Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
18 DE NOVEMBRO DE 1907

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias.....	300 rs.
Colonias.....	400 »
Brazil (moeda forte).....	900 »

NUMERO AVULSO 20 REIS



CHÁ E TORRADAS

Vive esta semana uma grande alegria; a visita d'um amigo de infancia, dos mais intimos e dos mais queridos, que vive sempre na capital e que, de tempos a tempos, se lembra d'este misantropo, que tem horror ao bulicio das grandes cidades, e está disposto a deixar-se extinguir no isolamento.

Como era natural fallámos de tudo, exceptuando a politica que nunca me interessou. O assumpto principal da nossa conversação foi Lisboa de que, o meu amigo, alfacinha dos quatro costados, é um defensor acerrimo.

Tinha lido o *Azulejos* e, ao saber do desastre que me ia succedendo quiz certificar-se, *de visu*, se, realmente, só o capote tinha sido a victima.

— Não gostas então da viação accelerada; é tudo quanto ha de melhor.

— Para matar gente? Não tem a menor duvida; mas quem se escapa do sal mete-se na salmoira; as ruas estão uma vergonha; nos passeios não se pode passar porque estão atulhados por uma sucia de mandriões que passam os dias a polir as esquinas e a dizer gracinhas ás senhoras que passam; os gatunos são aos milhares e vão augmentando, porque

ha tal que já tem sido preso trinta vezes e está habilitado a voltar para a cadeia ainda outras tantas...

— Mas, ó homem de Deus, tu não vês senão o que ha de máo...

— E de bom o que me apontas? Eu não vou lá, mas sei o que se passa. Tenho noticias seguras todas as semanas pelo almocreve que lá vae levar azeite, vinho e outros productos e trazer as encomendas que lhe fazem; é bonito o que elle conta!

— Ora, um almocreve, um parvo!
— Parvo?! Isso é que não é. As ruas, diz elle, se chove, são um atoleiro, se não chove o pó e o lixo são de cegar. A' noite, alli por volta da meia noite, apparecem umas vassouras atraz d'umas carroças que levantam nuvens de poeira tão densas que se podem cortar á faca. O pobre homem, que tinha ido ver a *Revista* ao Principe Real, quando sahia do espectáculo deu de cara com uma das taes machinas e ficou com a bocca cheia de toda a qualidade de detricitos. Logo a seguir dois meliantes quizeram furtar-lhe uma cadeia de prata e, se não o conseguiram, foi com receio d'uma sova, porque o homem não é peço e levava uma boa bengala. E queres tu gabar-me a capital!

— Mas deves concordar que tem tambem cousas boas. Por exemplo...

— Não dês exemplo nenhum, porque não me convences; não ia para lá nem que me dourassem. E a respeito de alimentação? Isso é ainda peor. O pão tem gesso e casca d'arroz, o leite mais agua do que outra cousa e, ás vezes, a agua é suja; a carne é má e cara; a agua da Companhia, em chovendo, é barrenta; os generos todos são falsificados, o assucar, a manteiga, o vinho... o vinho isso é cousa que lá não se bebe; é uma mixórdia feita nos armazens com ingredientes varios.

— E's um pessimista.

— Serei, mas sempre te digo que,

com estes pessimismos estou rijo e são, apesar de velho, e vocês todos os que vivem na cidade tem cara de quem fugiu do hospital e vae a caminho do cemiterio. Vem passar um ou dois mezes comigo, bebe boa agua e bom leite, como tenho aqui, come bom pão e boa carne, não enchas os pulmões com essa poeirada que é peor do que a febre amarella e affianço-te que engordarás como um texugo.

— Não gosto do campo; concordo que tem cousas boas, mas...

— Mas é isolado, não ha clubs para ir perder á noite na jogatina o que temos e o que não temos; não ha theatros para nos estragarem a moral que anda ali pela rua da Amargura; as noites são inspidas; sim é isto, mas o corpo e a alma lucram immenso quando nos deitamos cedo e nos levantamos de madrugada, frescos e bem dispostos e vamos dar um passeio pelo campo para ver as novidades. Olha, meu caro Eustichio, mudemos de conversa; tu não vieste dar-me o prazer de passar o dia comigo para ouvires um sermão. Vamos dar um pequeno passeio para abrir o appetite e fallemos... do patriarcha, por exemplo.

— Do patriarcha?

— Sim, do patriarcha; parece que é assumpto muito interessante. Os jornaes vinham, ha dias, cheios do *raid hippico*, agora é patriarcha e mais patriarcha. Afinal resignou ou não resignou?

— Que remedio tinha elle senão resignar-se.

Dei uma gargalhada, interrompida pela voz do meu creado que vinha chamar-nos para o jantar, e foi á mesa que o meu querido Eustichio se convenceu de que o pão era de farinha de trigo e o vinho de summo da uva.

Ah! Lisboa, Lisboa, por isso os teus cemiterios são cada vez maiores!

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Alimentação das creanças

A alimentação infantil é um ponto de maxima importancia, se quizermos lembrar-nos de que a creança d'hoje é o homem amanhã, necessitado de saúde e forças para a lucta pela vida.

Em alicerces tortos e debeis ninguém levantará edificio de grande estabilidade e vigor, assim como de creança estiolada e rachitica não se apurará um individuo em condições de supportar o trabalho e de resistir á doença.

Não obstante, aquelle que pela sua missão profissional é obrigado—relevar-me a singeleza pittoresca da expressão—a metter o nariz na casa alheia, pasma ao ver como esta gente nada se importa com este principio fundamental.

Não é raro esbarrar com creancinhas de tres, quatro e cinco mezes que, com gaudio sobrenatural dos seus progenitores, bebem um copo de vinho, despejam um prato de batatas ou feijões, como o faria o mais alentado trabalhador d'enxada.

E se acaso o medico lhes dirige palavras de censura, elles esboçando um desdenhoso sorriso de profundos conhecedores do assumpto, clamam que está forte e gordo, haja vista a barriga—que é o característico ventre de batracheo, n'um ser em que predomina um torax arqueado, com as ligações chondro-costaes lembrando um rosario e um esqueleto defeituoso e atrazado.

Pouco tempo depois este pequeno que os paes nos queriam impingir por um colosso, é-nos trazido porque tem já quinze ou dezoito mezes e só engatinha, porque vomita ou tem febre e constantes diarrheas verdes e o pae suspeita logo que devem ser lombrigas.

Ora esta lombriga é tão facil de encontrar como difficil de remediar. A lombriga está n'um estomago tenro e pequeno construido para alimentação lactea (e para isso a natureza deu á femea as glandulas mamarias, aptas a segregarem só n'esta altura) que a ignorancia familiar obrigou a distensões e trabalhos insupportaveis para elle, d'onde resultaram a falta d'assimilação e o descalabro de todo o intestino.

O nosso povinho só admite a fraqueza como causa geradora do maior numero de doenças e, em virtude d'este lemma, o doente ha-de comer até rebentar.

Os resultados patenteiam-se.

Os preceitos são muito outros.

Pelo menos até aos oito mezes d'idade a creança deve alimentar-se exclusivamente de leite e logo do terceiro dia em diante é mister acostumar-a a mamar de duas em duas ou de tres em tres horas

durante o dia, e uma ou duas vezes durante a noite, isto é, umas sete ou oito vezes no intervalo de vinte e quatro horas, não deixando, se ella é forte e robusta, que de cada vez mame mais do que dez a quinze minutos.

No geral esta pratica salutar é descuidada por completo; quando a creança chora, procuram abafar lhe os gritos mettendo-lhe o seio pela bocca dentro ou atufhando-lh'a com uma boneca cheia d'asucar, o que não é vicio menos perigoso.

O excesso de alimentação lactea faz com que a creança *bolse*, isto é, obriga a solucar, e, n'esta altura, a familia bate as palmas e clama que o leite lhe faz proveito!

Attingido o oitavo ou nono mez vem alternar a mama com alguns alimentos liquidos ou semi-liquidos, afim de que a sua digestão seja o mais facil possivel. Convem agora empregar as farinhas, os crèmes, o arroz, substancias que devem ser cosinhadas apenas com leite.

A melhor ama que uma creança pode ter—salvo quando haja doença—é a sua progenitora.

Noventa e nove vezes em cada cem não acontece isto nas grandes cidades e com especialidade na alta roda.

A dama da grande sociedade esquece por completo que o grande, o principal papel da mulher é ser mãe, para se recordar simplesmente que o aleitamento é uma enorme estopada e um empecilho á elegancia, ao desenho provocante das formas, ao feitio extravagante do vestuario imposto pela moda e a outras preciosidades ridiculas criadas pela toleima, pela sociedade e pelo *progresso retrogrado*.

Busca-se então a ama para a criação do *bébé*, o que não é mau, ou faz-se um aleitamento artificial por meio de *biberon*, o que é positivamente um veneno.

Nas classes pobres são a fome e a necessidade os factores imperantes na immensa mortandade da primeira infancia. A creança ou vem perfeitamente perdida quando é dada á luz ou torna-se pouco depois um enfezado de mão cheia.

Nem admira que assim seja n'um paiz onde se cultivam todos os ramos sportivos, onde nas escolas se ministra a gymnastica parodia ao methodo sueco, onde existe uma Sociedade Protectora dos Animaes—instituição aliás muito sympathica—mas um paiz onde ainda não temos um estabelecimento para protecção de grávidas e puerperas, e onde ha um lactario sem auxilio do publico apto por isso a fornecer leite a *meia duzia* de clientes.

Ha muitas instituições caritativas, chamemos-lhe assim, que são perfeitamente dispensaveis.

Ha, pelo contrario, muitas outras que são de absoluta necessidade para o desenvolvimento d'este povo tão atrophiado moral e phisicamente, e que o tão decantado altruismo lusitano esquece por completo, talvez porque dão algum trabalho e pouco reclamo.

Educar as mães na pratica d'uma boa hygiene infantil era uma grande obra de caridade.

JOÃO REVOLTA

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus ao Espiritismo

(Continuação)

E como esta do Infinito:

—«Abstraction purement ideale, au-dessus et au-dessous de ce que conçoivent les sens.» (Abstracção puramente ideal, acima e abaixo do que os sentidos concebem).

Ahi estão já duas bonitas amostras das produções espontaneas da nossa meza, não é verdade?

Insisto na palavra *espontaneas*. Nada estava previsto de antemão. Tinhamos ás vezes, um ou outro, a ideia de uma palavra a definir, mas quando nos sentavamos á meza era sempre outra coisa o que vinha: dissertações, reprimendas ou exhortações mais ou menos mysticas, como esta, por exemplo:

—«E' necessario que as vossas investigações scientificas sejam acompanhadas de ideias religiosas. Deus domina todas as vossas acções. A fé n'Elle dirigirá os vossos importantes desejos e livrar-vos-ha de cahirdes n'uma successão de erros.»

Eis uma outra dedicada ao clero:

—«A NOVA RELIGIAO transformará as crostas do velho mundo catholico, já abalado pelos golpes do protestantismo, da filosofia e da sciencia.»

Nós deixavamos a dizer tudo o que ella queria dizer, no seu estylo por vezes insolito, e esperavamos que lhe aprouvesse continuar as suas magistraes definições, verdadeiros cumulos litterarios que tão vivamente excitavam a nossa curiosidade.

As vezes, e isto era uma nova prova da estranha espontaneidade d'este mysterioso fenomeno, recusavamos-nos a aceitar qualquer definição que achavamos demasiadamente fantasista ou obscura, e immediatamente, sem a menor hesitação, ella dictava-nos uma outra inteiramente nova, e sempre em doze palavras.

Ahi vae um exemplo caracteristico. Na definição da geologia dictou-nos ella esta frase pouco corrente:

—«D'aromes internes, toute révolution qui modifie les diverses couches de la planète.» (Aromas internos, toda a revolução que modifica as diversas camadas do planeta).

—«Não queremos isto, dissemos. Em primeiro lugar, é destituido de clareza, e depois, não se começa por «d'aromes internes».

Immediatamente dictou:

—«Étude des transformations de l'être planetaire dans ses périodes et revolutions d'existence.» (Estudo das transformações do ser planetario nos periodos e transformações da sua existencia).

—«Muito bem!

Prosigamos. Ahi vae uma serie de respostas, algumas das quaes são soberbas.

FISICA.—«Connaissance des forces

materielles que produisent la vie et l'organisme des mondes». (Conhecimento das forças materiaes que produzem a vida e o organismo dos mundos).

CHIMICA.—«Etude des diverses propriétés de la matière au simple et au composé». (Estudo das diversas propriedades da materia no simples e no composto).

BOTANICA.—«Serie des êtres organisés tenant le milieu entre le minéral et l'animalité». (Serie dos seres organizados entre o reino mineral e a animalidade).

PAIXAO.—«Note du clavier de l'ame dont la vibration resonance toute en Dieu». (Nota do teclado da alma cuja vibração se repercute inteiramente em Deus).

Eu não sei se o leitor deprenderá bem a emoção artistica com que nós esperavamos estas palavras, especialmente as ultimas, as que deviam terminar o pensamento no limite infranqueavel do numero doze.

Algumas vezes fizemos suspender o proseguimento do fenomeno para procurarmos nós mesmos o remate da frase, mas nunca o encontramos em termos apresentaveis.

Um exemplo. A meza dava-nos a definição da fé:

—«La foi deïfice ce que le sentiment révèle, et...» (A fé deifica o que o sentimento revela, e...)

—E... o quê? interrompi eu apoiando a mão sobre o velador para o impedir de terminar a frase. Só três palavras... Vamos a vêr se achamos! Olhavamos uns para os outros, reflectiamos, e ali iam ficando de bocca aberta. Emfim, restituimos a liberdade á meza... que, muito tranquilamente, arredondou a sua frase:

—... et la raison explique.» (e a razão explica.)

Poder-se-hia encontrar melhor!

(Continúa)

PALESTRAS

III

Demasiado ardua é a tarefa de incutir no animo de qualquer individuo o que seja o cumprimento de seus deveres.

Bastas vezes temos d'estes uma noção erronea, mercê talvez d'uma adaptação ao meio...

Se ao mestre compete estreitar relações entre o discipulo e as multipas manifestações do mundo exterior, patenteando-lhe a par e passo os elementos que n'uma vida futura lhe permitam compilar certa bagagem scientifica, forçoso é dizer que ao pae está inherente a obrigação de crear para seu filho condições taes que futuramente o inponham á admiração do seu semelhante como modelo de honradez e bondade.

A tendência para o mal, revellada desde a infancia, não se corrige na escola primaria, secundaria ou superior, onde a convivencia com este ou aquelle peor orientado apenas serve para nos distrahir o espirito para a pratica de actos que nem sempre nos honram, antes, as mais das vezes, nos deprimem.

Mascaras illustres



Julio Diniz

A doutrina do lar, é a unica que, bem dirigida, tem o condão de nos sensibilisar ante o soffrimento do proximo, com a mesma sinceridade com que nos ensina a que nos regosijemos em face da alegria de que o mesmo compartilha.

A escola da familia, onde os conselhos paternos nos refream os impetos d'uma mocidade sempre prompta a novos desvarios, é a unica escola com plenos e amplos poderes para ao homem formar o coração.

O professor illustra; a familia educa. Educação e illustração não se degladiam, coadunam-se.

O individuo illustrado não está isento de ser um corrupto, visto que muitas vezes desconhece os mais elementares principios educativos.

Em regra regularisa os seus actos alvejando unica e exclusivamente suas conveniencias. Ilude-se a si proprio, não admitindo superioridades.

Julga-se um sabio e como tal menospreza conselhos de qualquer que pretenda administrar-lh'os.

Procura salientar-se sem que se preocupe com os meios para tal fim usados e d'ahi o enveredar pela estrada da diffamação e calunnia ou lançar-se abertamente no abysmo insondavel d'uma depravação sem limites.

Está apto a raciocinar, tem sem duvida alguma o cerebro conformado de modo a permitir-lhe estabelecer paralelo entre boas e más accções.

Porque não repelle estas ultimas, uma vez que está sciente de que não deve praticar-las?!

Um tal individuo tem sciencia, muita sciencia, mas faltam-lhe os melhores dos elementos com que se architecta um bom: consciencia e dignidade.

De facto, as classes illustradas são infelizmente aquellas em que mais se accentua esta falta.

A familia, grande numero de vezes, descarta ministrar aos pequenos seres que d'ella dimanam, principios que gradualmente os adaptam a respeitar o seu semelhante como a si proprio.

Preocupa-a mais, a sciencia das venias com maior ou menor curvatura d'espinha consoante a personagem a quem são dirigidas.

Saber usar com certo tom, do garfo faca ou guardanapo, não beber sorvendo ou mastigar dando estalidos com a lingua, é bonito e decoroso. Conhecer idiomas varios, fazer boa musica, bordar a primôr, cultivar variados esportes, é util e chic...

Porem, estes e outros ensinamentos d'igual quilate não bastam a tornar o individuo apto a pôder apresentar-se, como vulgarmente se diz, «deante de gente,» visto constituirem a parte material da educação. Esta, para ser completa, não pôde prescindir da parte moral.

Quantos atropellos soffre em nossos dias este ultimo attributo tão necessario ao homem, mercê da moda que, tendo seus caprichos, tem sob este ponto de vista uma influencia fatidica.

A perfectibilidade humana deve resultar da proporção harmonica em que n'um mesmo ser existam, illustração e educação.

Aquelle que em si, não reuna estes dois predicados, cria um estado de menor resistencia ás tentações mundiaes que o proprio instincto reclama.

O organismo que não reage, está depauperado.

Estando depauperado é, sem duvida, um organismo doente.



A Nossa Estante

A VISÃO D'UM SONHO, poemeto em verso
por Abel d'Aguar Otêda

O Sr. Otêda é uma alma nobre e altruista. Revolta-se contra as crueldades, injustiças e ingratidões da Sociedade, verberando nos seus versos todos os crimes da vil e amesquinhada humanidade. Não seremos nós que o censuremos por isso; pelo contrario, mas, oh ingenua e inexperiente adolescencia, quantas vezes tem sido entoada essa eterna canção sem encontrar êco nos corações empedrenidos dos mortos.

Convença-se o Sr. Otêda que está longe de reinar a alvorada que em sonhos entreviu: muitos seculos correrão sem que essa Liberdade sonhada pelo poeta, venha, a beneficio das suas azas, brancas de neve, pairar neste sub-lunar planeta. A grande, a imensa, a unica Liberdade, a Liberdade que o Sr. Otêda deseja e quer, está por emquanto presa e acorrentada num musculo òco que passa a vida a dar á bomba e que se chama coração humano. Empregue, desculpe-nos o conselho o autor da *Visão dum Sonho*, a sua veia poetica em assunto mais comedido e mais proprio de quem inicia as pugnas d'Apólo, Caminhe mais terra a terra, deixe-se por emquanto de longos poemias e fale-nos depois.

—No passado numero, a primeira das poesias do Sr. Carlos Cilia de Lemos trazia o titulo *Para elle*, que é errado, devendo ser: *Para M.*



O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

—Leve-o d'aqui e conforte-o, se poder.
—Dentro em poucos minutos, estará tudo acabado.
O amigo do coronel, foi-o levando, emquanto o medico tornava para junto da pobre agonizante.

Luiz, sustinha-a nos braços, onde ella agora apenas de quando em quando, era agitada por leves estremecimentos. Subitamente, pareceu que um olhar se illuminava, reconhecendo Luiz... olha-o um instante... sorri-lhe, com um sorriso que parece já vir do céu, para onde decerto a sua alma ia... pende a cabeça sobre o hombro do manco, soltando um debil suspiro

O medico, acercou-se-lhe... tomou-lhe o pulso... pôe-lhe o ouvido sobre o coração... depois erguendo-se, diz gravemente:

—Está morta.
Luiz, soltou um grito de dôr intraduzivel, e com todo o cuidado, como se reciasse acorda-la deitou-a sobre as almofadas... debruçou-se... pousou os labios nos d'ella, num longo beijo de adeus, dizendo-lhe baixinho, algumas palavras que ninguem ouviu, partindo em seguida como louco.

Naquella crise afflictiva, pessoa alguma lhe prestava attenção, pois o doutor sahira do quarto, limpando as lagrimas e Miquelina, chorava angustiosamente, junto da sua menina.

O visconde montou a cavallo e perfeitamente desaviado, lançou-se n'uma carreira vertiginosa de insensato. Todos que o viam, paravam estupefactos, pois o desgraçado nem chapéu levava!

Dirigiu-se a casa, encaminhando-se logo para o seu quarto... Tirou de uma gaveta, todas as cartas de Magdalena, deitou-as no fogão, lançando-lhes o fogo... Depois de tudo reduzido a cinzas, lançou mão de um revolver de pequeno calibre, que tinha sobre uma secretaria, saindo em seguida já mais sereno.

Ao atravessar um corredor encontrou meu irmão, que conversava com outros criados e disse-lhe.

—Adeus, meu amigo, desde hoje o meu cavallo pertence-te, trata-o sempre bem — e acenando com a mão n'um gesto de despedida: Adeus, meus bons amigos.

Ainda os creados não tinham sahido do espanto que lhes causára as singulares palavras do visconde, quando o ruido de uma detonação os veio despertar.

Era Luiz, que cumpria a promessa feita a Magdalena.

Logo que sahira do palacio, encaminhou-se para a Alameda, onde o conde estava sentado; chegou-se a elle e disse:

—Magdalena morreu... seja completa a sua obra... e desfecho sobre o coração, cahindo instantaneamente morto.

No dia seguinte, e á mesma hora, eram sepultados Luiz e Magdalena.

Passados quinze dias, enterrava-se tambem o velho coronel, que não podera resistir a tamanha dôr.

O conde, após a morte do filho, encerrou-se nos seus aposentos, não tornando mais a sahir. Morreu dois annos depois, despedaçado pelos remorsos, que o haviam assaltado desde que vira o filho morto.

A sua longa agonia foi horrorosa, pedindo em altos gritos que faziam pavôr, perdão a Luiz. Expirou exactamente em uma noite como a de hoje, e por isso todas as noites de temporal defeito, lá se vê elle na Alameda a pedir em gritos que fazem erriçar os cabelos e mor-

rer de medo, perdão ao filho que elle matára. Só ao romper da manhã desaparece.

O velhinho calara-se. O silencio não foi quebrado; todos se encontravam ainda sob a impressão causada pela narrativa do avô.

Alfredo, muito pallido, olhava enternecido para Carlota que forcejava por esconder duas lagrimas que brilhavam prestes a cahir dos seus lindos olhos negros.

—Agora, que V. Ex.^a já sabe a historia do phantasma da Alameda, que deixa sempre a gente ficar triste, o melhor é tratarmos de nos deitar, que já vão sendo horas.

Alfredo, como que despertado pelas palavras do lavrador disse:

—Realmente é commovedora a historia d'esses dois infelizes, que tanto se amaram.

Esteve para contestar a veracidade da apparição do phantasma, porem conteve-se, para não escandalisar as crencas d'aquella boa gente.

—V. Ex.^a parece que ficou triste, observou o filho do lavrador, e ali a Carlota tambem está com cara de Nossa Senhora da Soledade.

—E' verdade, replicou Alfredo, sinto-me impressionado. Sua irmã, faz-me vêr que possui uma alma generosa e boa, molestando-se com as dôres alheias e lançou á joven um olhar de grande ternura.

A tempestade continuava, a chuva cahia a jorros.

—Vejo que se me torna impossivel partir hoje!

—E quem fala em partir? disse o lavrador, V. Ex.^a fica cá esta noite. Quem se aventurava por esses caminhos, chovendo assim? O que hade desculpar é a cama que talvez não seja a seu gosto, mas uma noite, depressa passa.

—Obrigado, eu fico bem nesta cadeira ao pé do lume.

—V. Ex.^a esta a brincar; a Marianna e a Carlota já foram tratar do quarto... olhe ellas ahi veem.

Com effeito, mãe e filha, vinham entrando.

—Em V. Ex.^a querendo, pode ir deitar-se.

—Bem, já que insistem, fico da melhor vontade.

As mulheres despediram-se, ficando só á porta Marcolina.
—O senhor Mello não se vae deitar sem tomar alguma coisa. O Manuel, dá cá d'ahi do armario, uma garrafa d'aquella aguardente cá da casa, e biscoitos dos feitos pela Carlota.

(Continúa)

Castigo

O Crime da Sociedade
Que um engeitado produz,
Lançando-o, sem caridade,
No trilho que ao Mal conduz,

E' sempre pago e bem pago.
Porque, aos pais, mais tarde oprime
Total carencia d'afágo
Do produto do seu Crime.

KLÉTUS

A resposta do Engeitado

Eu dêvo têr nascido num monturo
E sêr filho d'um cardo e uma pedra,
Ou da urze que nasce, vive e medra
A' sombra dum rochêdo informe e duro.

Fui, num berço d'acúlios e d'espinhos,
Embalado p'los gritos dos chacaes,
Guiados pêla mão dos vendavaes
Os meus primeiros passos nos caminhos.

Quando a luz da razão se me acendeu,
Ouvi, cômo num sonho que s'esvái,
O Crime a murmurar: «eu sou teu pai»,
A Vergónha dizêr: «tua mãe sou eu».

Não julgueis pois vêr nesta criatura,
Senhór, o pobre filho que engeitastes,
Fina per'la caída dos engastes
Da vossa altiva c'róa, santa e pura.

Bastardo ou não, eu fôra batizado
P'las sacras mãos dum nobre cardinal
E conduzido á pia batismal
Como filho de rei, mas... desgraçado

A quem mil dârdos vis, constantes fêrem,
Ando morto de fome, nas viélas
Mechendo e remechendo nas gamélas
A comêr, o comêr que os cães não querem.

Môrto vivo, na morte encontraria
A vida que na vida me falêce,
Pois da vida o calor só me arrefêce
Como se a vida fôra a morte fria.

Já vêdes, meu Senhor, que o vagabundo,
Que ao caminho do mal o Mal destina,
Não pôde pertencêr á raça fina
Dum grande potentado dêste mundo.

Seguis errado trilho!
Noutro sitio buscái,
Meu rei, o vosso filho,
Porque eu não tenho pai.

KLÉTUS.

A nossa pagina musical

A secção musical do presente numero é firmada por o nome d'um maestro de reputação feita e por demais conhecido do nosso publico, para que seja necessario tecer-lhe encomios ou avivar-lhe aptidões.

Character impolluto, bondade personificada, a sciencia e gloria de Filipe Duarte impõe-no como um dos primeiros maestros compositores.

A sua collaboração no *Azulejos* é uma honra que em extremo nos penhora e, para a qual não encontramos phrases que possam traduzir a expressão do nosso reconhecimento.

Filipe Duarte foi um dos discípulos mais laureados do nosso conservatorio. Temperamento de verdadeiro artista, violinista distinctissimo, habilissimo regente d'orchestra, a sua individualidade artistica conquistou de ha muito um porte dos mais elevados entre os nossos musicos.

Em 1884, quando se fundou entre nós a Real Academia d'Amadores de Musica, foi a Filipe Duarte que confiaram a regencia da orchestra, logar em que se manteve durante cinco annos, levando a effeito, e, primorosamente executadas, composições de altissimo valor, entre as quaes se constata a *Patria e Orientaes* de Alfredo Keil, o poema symphonico *Uma Caçada na Côte*, a cantata *Vasco da Gama* de Bizet e outras obras de vulto.

De então para cá os seus credits de regente de orchestra tem-se firmado cada vez mais, sendo para lamentar que as suas aptidões não tenham sido melhor aproveitadas, pela difficuldade que sempre subsiste em congregar elementos para a constituição d'uma boa orchestra de concertos.

O que Filipe Duarte tem produzido como compositor não atesta menos o seu valor, antes affirma uma das feições

mais interessantes da sua personalidade artistica.

Além da opera lyrica em 3 actos, *Lancha Favorita*, que já por vezes tem sido cantada com grande exito, Philippe Duarte tem produzido a musica de grande numero de operetas e revistas entre as quaes citaremos ao acaso *O oito*, *O Poeta de Xabregas*, *O Bocage*, *O Gafanhoto*, *Aguilhas e Alfinetes*, *Nicles*, *Anno em 3 dias*; a opera comica *Bruxa do Valle*; os *vaudevilles*: *Loucuras d'Amor*, *Velhos Gaiteiros*, *Pae de si mesmo*; as magicas: *O Cabo da Cacarola*, *O Dente do maçarico* e *O Chapim de Crystal*, etc., etc.

Em todas ellas revela sempre um engenho fertil e perfeito conhecimento do genero, o que o colloca no logar primacial em que actualmente vive.

Para diversas recitas, que os estudantes effectuaram no theatro de S. Carlos, em beneficio do cofre da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres, escreveu o nosso maestro a musica. Lembram-nos com saudade as bellas noites da *Soirée do Gaudencio* e do *Lamparina*, onde era cantado o delicioso fado que hoje apresentamos aos nossos leitores.

Patareco entre os doutores

N'aquella noite a sala de espectaculos do Club, ostentando a sua melhor illuminação, apresentava um movimento desusado. Alguns grupos *másculos*, discutiam junto ás umbreiras das portas, a belleza das damas que a pouco e pouco tomavam os seus logares.

Por sua parte, as senhoras *ranchavam á má lingua*, desdenhando d'este ou aquelle *soiço*, consoante o sabor de suas especias sympáticas.

— Estive para cá não vir esta noite, exclamava furiosa certa matrona, em amavel colloquio com a visinha Francisca. Só ás oito horas da noite, o meu *home* recebeu convite para a conferencia.

— Ai, visinha, que falta de tacto administrativo que tem esta Direcção!...

— Tive que arranjar-me em meia hora. Olhe este cabelo... pareço uma *bicha*... Ha vinte annos que pago quotas do *club*, mas senão fosse a minha *Celestia*, já tinha largado isto. Ella, porem, catrapiscou o *Arnesto*, elle deu lhe sorte e...

— O Arnesto?! aquelle rapaz do grupo dramático que faz os *galões* das peças?!

— Esse, esse. Ella está mesmo pelo beicinho...

— Tão pequena e tão brejeira...

O pianista Tancredo executando a symphonia *«Rebóla a bóla»*, marca o inicio da sessão.

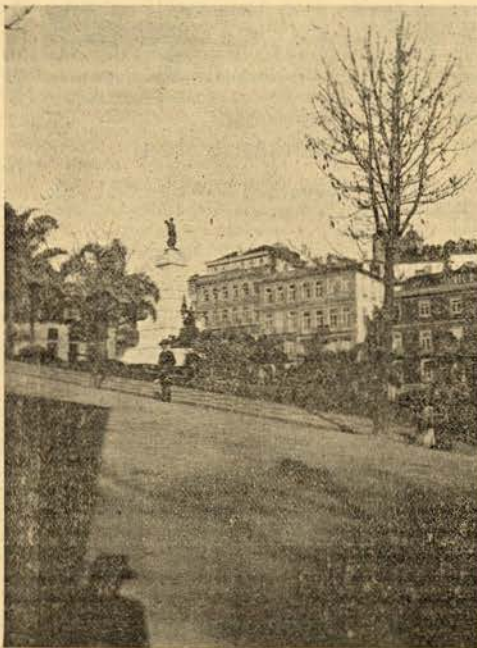
As filhas familias acompanham a musica entre dentes, trocando olhares lascivos com os *pequenos*... Estes, puxam

nervosamente os bigodes, dando-se ares de criticos litterarios.

Ouve-se um apito e ao brado de *ica*, o panno do pequeno palco sobe, não sem algum custo.

Uma salva de palmas, acolhe Patareco Borbulhinhas, que *embrulhado* n'uma casaca antidiluviana e branco qual farinha de trigo, agita desordenadamente os braços em attitude de reconhecimento.

Portugal pittoresco



PRAÇA E ESTATUA DO INFANTE D. HENRIQUE — PORTO
Photographia do Ex.^{mo} Sr. Humberto Beça

Sobre o palco está armado um estrado em que se appoia uma meza *vulgaris*. A um dos lados vê-se um pote de barro, tendo sobre a tampa, um pucaro de folha. Algumas armas selvagens e um molho de *hortaliças* velhas, completam a decoração.

Patareco avança ao proscenio reclamando silencio e, commovidissimo, explica resumidamente os varios capitulos da sua conferencia, subordinada ao titulo *«No deserto»*.

— Ai filha, que bem que elle falla, apressa-se a dizer certa mamã, dando cotoveladas na menina que tem ao lado. Bota-lhe o *lórinhó* a ver se péga...

O conferente exemplificára com folhas de papel em branco, o que era o deserto e ia seguidamente occupar-se em descrever o desfile d'uma caravana.

Esta parte da conferencia devia ser muito interessante.

Borbulhinhas, annunciára fazer tudo *ao natural* e de facto o nosso homem, emquanto se estendia em ornatos de rhe-

torica, manejava sobre a meza alguns bonecos de cartão.

— E' noite! clama trágico Patareco, deitando a *bonécada*.

Ao ouvir esta *deixa*, alguém correndo ao contador do gaz, põe á luz da sala a *meio pau*...

— Necessitamos precaver-nos contra o ataque das feras!, continua o conferente. Aqui, em Lisboa, quando estamos afflictos, apitamos ou gritamos por soccorro, até apparecer alguém. No deserto, de que serve esse expediente?!

E dizendo isto, Patareco, correndo d'um a outro lado do palco, ora gritava «ó da guarda», ora apitava furiosamente. Gritos de «fogo» ecoam de varios pontos, e a breve trecho, fechado o gaz na escada, as salas do Club ficam mergulhadas nas trevas.

Então homens, mulheres e cranças, n'uma vozearia de ensurdecer, procuram ganhar a um tempo o pavimento da rua por entre brados e imprecações varias, distingue-se o *berrar* das damas accommettidas por *faniquitos*.

A rua tem um aspecto sinistro, pois que á luz pardacenta de alguns archotes, divisam-se vultos que fogem esbaforidos, homens conduzindo ás costas senhoras desmaiadas e luzentes capacetes de bombeiros voluntarios.

Entre quatro alentados policias, apparece emfim Patareco que, sob prisão, atravessa a turba dos curiosos, prestes a lyncha-lo.

Decorridas são umas horas por sobre o funesto acontecimento. Na sala onde se realisou a nefasta conferencia, veem-se alguns restos de cadeiras.

Pelo palco estão dispersas folhas de papel, onde o pobre Borbulhinhas tomára os seus apontamentos. O visitante tem a noção de que está «No deserto». A completar o quadro, apenas falta um Judas...

JORZE

POLUTA

Vejo-te rindo os labios descorados
O olhar amortecido a face fria,
Riso sinistro e dos predestinados
Que a miseria vendeu e a morte espia.

E riste sempre; os labios já fanados
já mortos pela fome e pela orgia,
Pobre creança que não viste os prados
E foste flôr risonha á luz do dia.

Os vermes já te espreitam flôr queimada
E o teu riso sem treguas como um dobre
Echoa nas viellas e á nortada

Contudo em pequenina, flôr rosada,
A tua mãe beijou-te meiga eobre
E o teu riso era a luz d'uma alvorada

MARIO BASTOS

Hippismo

Meios a empregar e regras a seguir para pôr um cavallo em perfeitas condições de fazer uma marcha de resistencia.

(Continuação)

Depois d'estas precauções deve-se examinar os cascos para ver se lhes falta algum cravo, bem como o estado da ferragem, para não continuar a marcha, sem que tudo esteja em perfeito estado.

Se o cavallo arrefece deve-se-lhe dar uma beberagem de agua morna misturada com farinha ou semente e um pouco de sal, e depois a sua ração de aveia, cevada ou fava, como a houver, examinando se come bem ou se a recusa e n'este caso tira-se immediatamente a ração e da-se-lhe semente molhada.

Deve evitar-se quanto seja possível o inconveniente do fastio, e no começo da marcha alface-se, o animal á ração, para que, não estando ainda habituado á fadiga, esse inconveniente não chegue. Augmentar se-ha a ração a pouco e pouco, á medida que elle se vai acostumando á marcha. Ao fim de duas horas ou duas horas e meia torna-se a partir, para ganhar, o mais cedo possível, um sitio onde possa descansar, porque é principalmente o descanso da primeira parte da noite, que mais consola e faz adquirir as forças, tanto do cavallo, como do cavalleiro.

Chegado ao sitio do descanso seguir-se-hão os preceitos dados para antes da ração, isto é, chegar com socego, fazer passear o cavallo se chega suado, refrescal-o, e em quanto elle come uma porção de feno ou palha desaperter as silhas sem lhe tirar o selim. Passadas umas horas tira-se-lhe o selim e esfrega-se com palha para o acabar de enxugar. Lavam-se-lhe as pernas, e os cascos e, com um ferro proprio, tira-se qualquer corpo extranho que se lhe tenha mettido entre o casco e a ferradura. Depois põe-se de fiança, isto é o proprio estrume misturado com agua e vinagre debaixo das mãos do cavallo.

Durante os primeiros dias friccionam-se os membros com alcool camphorado para que não inchem e até ao fim da marcha fazem-se algumas fricções nas espaldas e sobre os rins.

Examinar tambem se as pernas e os cascos estão quentes ou doridos, no primeiro caso empregar greda desfeita com agua salgada, e um pouco de tintura de arnica, e no segundo é de absoluta necessidade desferrar o cavallo, para examinar a ferradura, não esteja ella gasta, o que se conhece vendo o ramo de dentro da ferradura polido e luzidio. Esta parte liza é a que pode maguar ou fazer aquecer o casco.

Quando os cascos do cavallo estão doridos elle dá-o immediatamente a conhecer, porque assim que se desenfieira procura logo deitar-se. Ainda se se lhe examinarem os olhos e vimos que estão bons, brilhantes e com a conjunctiva ro-

sada, se comer bem ainda que deitado, é seguro o mal ser dos cascos e elle gostará mais de estar deitado do que de levantar-se para comer.

No caso em que esteja muito fatigado é preferivel tirar-lhe o selim, dar-lhe uma beberagem e deixal-o socegado durante algumas horas, antes de lhe dar agua e a sua ração completa. Faz-se-lhe uma boa cama, prende-se com as prizões compridas para se poder deitar e estender á vontade e ter um descanso sufficientemente reparador. No dia seguinte antes de partir dá-se-lhe a ração para lhe dar coragem e força dando-se pouca palha ou feno e pouca agua.

A ração diaria deve ser repartida em tres partes na media de cinco a sete Kilg. de grão, e trez e meio a quatro Kilg. de feno, palha, erva, etc. (forragens).

Lisboa, 6 de Novembro de 1907.

(Continúa) JOÃO GAGLIARDI

Pensamentos

O que o genero humano sabe, é pouco; o que deseja saber, muito; o que ha de sempre ignorar, infinito.

INFANTE D. LUIZ.

A exactidão é a delicadeza dos reis.

LUIZ XIV

O dramaturgo pôde tentar corrigir os costumes, mas é com um riso amavel, que obterá as suas melhores victorias.

PAUL SAYAULT.

Um povo analfabeto é semelhante a uma locomotiva sem carvão.

Esta, collocada na via ferrea e abandonada a si propria, jámais percorrerá sobre essa via a menor distancia; aquelle, ignorando os seus direitos e os seus deveres, jámais dará um passo na estrada do Progresso.

BALTHAZAR XAVIER

ARROLAMENTO

N'uma freguezia rural viveu durante muito annos, e completamente só, um homem que ninguem conhecia, que não sabiam d'onde tinha vindo, mas que não pedia nada e pagava á vista todas as compras que fazia.

Não fallava a pessoa alguma e nem sequer baixava a cabeça quando lhe dirigiam o tradicional: *salve-o Deus!*

Sem creado, nem creada, era elle que fazia todo o serviço da casa e de manhã, com um pequeno cabaz no braço, ia comprar quanto precisava.

Um dia não appareceu o *velhote*, nome porque o designavam; no seguinte o mesmo e assim durante uma semana. Estranharam e suppozeram que lhe tivesse acontecido alguma cousa.

Foram bater-lhe á porta, mas ás repetidas argoladas ninguem respondeu. Lembraram-se então de ir chamar o regedor. Veio esta auctoridade, acompanhada do respectivo escrivão e foi a porta arrombada com todas as formalidades do estylo e, ao entrarem na segunda casa, que era o quarto de dormir, encontraram estendido junto da cama, o pobre velho que estava morto e em adeantado estado de decomposição.

Verificado o obito pelo sub-delegado de saude, que se chamára a toda a pressa, foi o cadaver removido para o cemiterio, sendo em seguida postos sellos na habitação.

Passaram-se algumas semanas e um dia appareceu um sujeito alto, magro e macilento, com uns olhos escuros e aros de tartaruga de formato descomunal, acompanhado por um homemsinho baixo e obeso, de cara toda rapada, tambem de olhos mas seguros com uma fita preta que enfiava pela cabeça até ás orelhas de tamanho avantajado.

Com estes dois originaes vinham dois homens mal encarados, de bengalões, e que olhavam desconfiados para todos os lados; eram dois officiaes de diligencias.

Quebraram os sellos e entraram cautelosamente, seguindo em bicha pelos quatro compartimentos em que estava dividida a habitação: casa de fóra, quarto, cosinha e um cubiculo onde se viam uma tina e outros objectos proprios d'um quarto de lavar.

Voltaram para a casa d'entrada e chegadoes ahí, disse o homem de olhos escuros.

—Vamos a isto, sr. escrivão.

—Estou ás suas ordens, sr. juiz, respondeu o da cara rapada tirando um tinteiro da algibeira e abrindo uma pasta muito sebenta que trazia debaixo do braço.

—Escreva lá: Um canapé e quatro cadeiras de palhinha, uma sem fundo; uma meza...

E assim successivamente foram relacionando quanto encontravam, sem escapar a roupa que estava nas gavetas d'uma commoda e alguma que se via pendurada pelas paredes.

Passaram da casa de fóra ao quarto, d'este á cosinha e por ultimo ao cubiculo de lavar.

Foi relacionada uma tina e outros objectos — finalmente disse o juiz:

—Pode datar, sr. escrivão.

—Mas, sr. juiz, está allí uma cousa...

—Sim, mas...

—Diga, sr. juiz.

—Diga o que? O sr. escrivão não sabe o que é?

O escrivão approximou-se, mirou, tornou a mirar o objecto que faltava mencionar e estendeu o beijo sem dizer uma palavra.

Os dois officiaes de diligencias tinham seguido os movimentos do escrivão e como este estendiam os beijos olhando um para o outro.

—Então? interrogou o juiz de paz.

—Eu não sei como isto se chama.

—E os senhores? perguntou o juiz aos dois homens.

—Nós tambem não, responderam em côro os officiaes de diligencias.

—São muito ignorantes! replicou o juiz em tom de auctoridade. Escreva, sr. escrivão, escreva e livre-se de lhe acontecer outra, porque pedirei para que o substituam. Escreva:

«Objecto de uso desconhecido com a forma de violão.»

Estava terminado o arrolamento.

JOÃO PACIFICO.



D. Maria II — *Fraquezas Humanas*, peça em três actos, de Brioux, traduzida por Carlos Trilho.

Foi no altar da verdade que Brioux officiou, ao escrever a sua peça *Les Hamnetons*, actualmente em scena no *Normal*. Deixando, n'este trabalho, a *maneira* que tão fortemente se tinha accentuado na *Kobe rouge*, *Les remplaçantes*, *Les Bienfaiteurs* etc, e que tanta opposição encontrou por parte das emprêzas theatraes e da critica do seu paiz, por ser trasbordante de verdades amargas, d'essas que o preconceito impede que se digam e especialmente no theatro, Brioux, diziamos nós, escreveu um estudo psychologico das *falsas ligações*, sem recorrer aos processos corriqueiros e convencionaes de theatralisação e fazendo taboa rasa dos effeitos estudados e ficteticos que, sem duvida alguma, acorrentam o publico que não fôr intuitivamente artista, mas que não representam o crisol da verdadeira, da unica, da suprêma Arte. Assim: o publico não vendo no tablado o revólto embate de paixões, artificiosamente preparado, queda-se frio e retrahido perante o desenrolar de scenas palpitantes de naturalidade, de verdade crua e que elle na vida real conhece terra a terra.

Como prova cabal e irrefutavel do que vimos d'escrever, vem a talho de fouc frisarinos o abandono, pelo publico, da sala d'espectaculos do nosso primeiro theatro de declamação quando da segunda representação das *Fraquezas Humanas*, obra admiravelmente traçada por Brioux e sabiamente trasladada para a nossa lingua por Carlos Trilho.

No desempenho distinguem-se, no mesmo plano, pela maneira como comprehendem, sentiram e exteriorisaram os seus papeis, Adeline Abranches como *Carlota* e Ignacio Peixoto como *Cottrel*. Joaquim Costa na parte de *Um desconhecido* apresentou-nos um comico correcto, bem como Jesuina Mottilli e Araujo Pereira, este numa rábula d'um porteiro. Pinto Costa, quanto a nós e contra a opinião d'alguns collegas, caracterisou e marcou bem o feito reservado e sonso da personagem *Brochot*. Os demais artistas, em pequeninos papeis, mostraram-se certos e concorreram para a unidade do conjunto.

Araujo Pereira, como encenador, tem n'esta peça um esplendido trabalho, merecendo justos louvores.

Em conclusão: a peça é boa mas aconselhamos a empreza a que ponha em scena, o mais depressa que puder, *Um drama no fundo do mar*, *As duas orfãs*, *O comboio n.º 6* e quejandas peças... de fôgo de vistas, se quizer vêr a gavêta repleta de cobres e o theatro a trasbordar de intellectuaes e a deitar por fora de... *bom tom*.

Não levamos nada pelo conselho. E lá estivemos na *geral*.

Por absoluta falta d'espaco só no proximo numero daremos as nossas impressões ácerca do *Filho Milagroso* e da *Mão Esquerda*.

ROMANOL.



Epigramma

Nunca a sorte bafejou
A vida d'este sandeu,
Na morte, que felicidade!
Foi-se d'um ar que lhe deu...

Ferra, tenta de garraias e garraios caçada às lebres.

Nas enormes propriedades de Pancas que o opulento e bemquisto lavrador o Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco traz de renda, effectuouse no dia 29 a ferra de 101 cabeças de gado bravo, sendo 42 machos e 59 fêmeas.

Eram 6 horas da manhã quando embarcaram no caes de Villa Franca para o Cabo os carros, cavalleiros e cavallos.

A's 7 1/2 horas da manhã saia d'este caes a grande cavalgada acompanhada de carros que conduziam aquelles que não podiam montar.

A's nove horas chega-se a Pancas tendo-se feito o percurso de 6 leguas em pouco mais de 1 hora e meia.

Estava preparado um esplendido almoço que durou até ás 11 horas da manhã findo o qual se começou a ferra.

Devido á intelligencia d'este opulento lavrador e seu estimadissimo filho Antonio que é a quem actualmente estão confiados todos os trabalhos do ramo agricola, levou a ferra de cento e uma cabeças pouco mais de 3 horas porque, comprehendem elles e muito bem que para um trabalho d'esta ordem não são necessarios curraes de grandes dimensões.

Os curraes compõem-se do seguinte: curral grande com as dimensões precisas para receber duzentas cabeças, outro mais pequeno para onde se apartaram das cobertas as rezes que deviam ser ferradas, e que ainda assim leva cerca de cento e cincoenta cabeças muito á vontade, a seguir a estes dois curraes relativamente pequenos onde se effectuava a ferra. Os ferros aqueciam-se no recinto onde mais tarde se devia effectuar a tenta que é um curral com o espaco preciso para se tourear a cavallo. As garraias e garraios saiam do curral em que estavam prontos para o immediato,ahi eram pegados sem grandes correrias e sem haver perigo tanto para os pegadores como para as rezes.

Pegados, passavam ao immediato,ahi se deitavam ao chão e recebiam o ferro. Lindo espectáculo este e sempre muito divertido. Eram como digo pouco mais de 3 1/2 quando os garraios e garraias saiam para o campo.

A tarde estava linda e Antonio Palha sempre activo, e extraordinariamente obzequiador para com os seus amigos, convidava-os a montar a cavallo e irem dar uma volta pelo campo até á hora de jantar.

Todos a cavallo largaram-se os galgos e seguiram pelo campo e proximo da habitação, Antonio Palha manda formar em linha para vêr se se caçava alguma lebre, famosa inspiração pois que passados uns dez minutos saltava a primeira lebre que foi morta pelo seu famoso galgo preto. Torna-se a formar o cordão, outra lebre aparece, corre-se e é morta.

Mais uma outra foi vista que se não matou. Eram 6 horas, estava-se de regresso a casa onde ás 7 horas se servio o jantar que foi muitissimo animado. Findo o qual se cantou o fado e varios coros de canções populares. A's 11 horas tudo recolheu aos seus quartos para se prepararem para a faina do dia seguinte. Tenta das garraias. A manhã do dia 30 appareceu alguma coisa cheia de espessas nuvens que felismente se apagaram no espaco deixando conservar o dia em condições de se poder executar a tenta. Eram 7 horas da manhã quando todos montaram a cavallo e se dirigiram para o campo para conduzirem as garraias que deram entrada cerca das 9 horas. Seguiu-se o almoço e depois d'este tomou-se logares para assistir a uma prova de bravura. Foram tentas 46 novilhas sendo 33 aprovadas e 13 reprovadas; é uma boa percentagem. Terminada esta prova foram experimentados dois cavallos de combates pertencente ao Ex.^{mo} Sr. D. Luiz do Rego que toureou muito bem uma vacca como o ferro de Pancas, e uma outra que foi toureada por João Gagliardi.

Ambos os cavallos mostraram não terem medo e estarem em boas condições para o toureiro. E assim terminou este dia ficando marcado o dia seguinte quinta feira 31 para a tenta dos garraios de 2 1/2 annos.

Infelizmente o dia 31 appareceu chovendo torrencialmente e assim se conservou até proximo das 4 horas da tarde. Até a esta hora houve grande divertimento em vizitar as officinas de lavoura do Ex.^{mo} Sr. Estevam d'Oliveira. N'um

dos edificios bastante espacos executaram-se alguns exercicios de atletica, pesagem etc. E como o Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco é de uma gentileza e amabilidade sem eguaes, vendo o tempo apresentando-se bom convidou todos a montarem a cavallo e foram para o campo onde se derribaram seis novilhas, e em que tomou logar o Sr. Antonio Lapa opulento lavrador em Salvaterra, mostrando-se valente n'aquelle exercicio embora confessado pelo proprio fosse a primeira vez que o executasse. Um campino do sr. Palha por nome Custodio derrubou com toda a arte e mestria tres garraios.

Houve varios eizodios que causaram a hilaridade no dia numero de cavalleiros que presenciavam tão bonitos quanto agradaveis divertimentos. Proximo das seis horas dava-se entrada em casa para o jantar. N'este dia e por causa da chuva ficou addiada a ferra dos novillos e o Sr. Antonio Palha telegraphou aos Ex.^{mos} Srs. Manuel Figueira, D. Simão Redondo, Dr. Paulo Cancellella e Torres Pereira participando que a grande caçada às lebres ficava para o proximo sabbado.

Sexta feira 1 de novembro. Tenta de 26 garraios de 2 1/2 annos.

Amanheceu o dia carrancudo mas foi alliviando o seu mau humor e conservou-se bem. O Sr. Antonio Palha convidou os seus amigos a vizitarem a propriedade, depois de se tomar o café montou-se a cavallo e percorreram-se cerca de 10 leguas entre soberbas pastagens, charneca e pinhal. Depois do regresso, seguiu-se o almoço; logo após este monta-se a cavallo e vão-se buscar os garraios que dão entrada no curral cerca do meio dia e meia hora. Tudo a postos e sai o primeiro garraio que revela muita bravura, levando seis varas e vindo sempre ao cavallo com valentia e nobreza; recolhido este sai o segundo que se mostra nas mesmas condições. O terceiro valente bem armado vem tres vezes ao castigo e quando volta a quarta vez, de tal maneira arremete que mata o cavallo. Magnifico animal, e assim successivamente ficando 17 classificados de bons e superiores, sete regulares e dois maus: soberba percentagem. E assim acabou o dia 1 que deixou bem impressionados todos os convivas.

Ao jantar houve varios brindes aos distinctos lavradores José Palha e seu filho:

Sabbado 2 caçada às lebres.

Depois de um magnifico almoço ás 6 1/2 horas da manhã montaram a cavallo e seguiram para o campo os seguintes cavalleiros Antonio Palha, Antonio Prudencio, Augusto José da Silva, João Gagliardi, Jorge Van Zeller Jorge Graça, que foram ao encontro de José Pinto Barreiros João Marcellino de Azevedo, Dr. Paulo Cancellella e A. Torres Pereira formados em cordão e deringindo a caçada Antonio Palha. Foi d'ahi a poucos minutos vista a primeira lebre que na linha que levou fez saltar uma outra correndo-se ambas em direcções oppostas e que não poderam ser mortas por estar o terreno muito alagado e muito espesso de mato. A terceira lebre que saltou, fazendo um percurso lindo, foi morta pela galga Onça do sr. Palha, engalgada pelos cavalleiros Jorge Van Zeller e Torres Pereira. Foram vistas mais doze das quaes quatro foram engalgadas e corridas sem serem mortas.

A's 4 horas e meia da tarde dirigio-se a enorme cavalgada para o Cabo, onde se embarcaram os cavallos em feluas e os cavalleiros no magnifico vapor movido a gazolina que os srs. Palha possuem e chegados a Villa Franca onde chovia com força alguns dos cavalleiros despediram-se do sr. Antonio Palha agradecendo lhe penhorados tão bello divertimento que proporcionou aos que tiveram a felicidade de adivinhar o que se ia passar em Pancas porque os srs. Palha não fizeram convites.

G.

Cumulos

Alugar quartos de marmello

Enrouquecer a voz da consciencia

Guiar uma parelha de coices

Semana Alegre

— Tem certidão de casamento?
— Sim, sr! Tenho quatro: dois filhos gêmeos, uma filha muda e uma sogra em bom uso.

Um fadista no tribunal.
Juíz.— E' casado ou solteiro?
Réu — Casado
Juíz — Com quem?
Réu — Com uma mulher.
Juíz — Pudéra!
Réu — Pudéra, não, que a minha irmã é casada com um homem.

VARIÉDADES

Crème de morangos

Postos os morangos ao lume em uma caçarola com assucar e esmagados com a colher, deitam-se em leite e gemmas d'ovos, passem-se pela peneira, derramem-se no prato, cosam-se no forno e sirva-se a mistura guarnecida de morangos em redor.

Ementa do jantar do dia de Natal

A contar do proximo numero até ao Natal o AZULEJOS publicará uma lista dos pratos que constituem um jantar para o dia 25 de dezembro e que dedica aos seus estimaveis assignantes e leitores.

Os piteus são-nos fornecidos por uma gentil e amavel collaboradora que, como entretém, se dedica á arte culinaria, em que é exímia.

Aqui fica o aviso aos que nos leem e o publico testemunha da nossa gratidão para com a illustre senhora.

CURIOSIDADES

Na America, terra de maravilhosas invenções, acaba de vir a lume um methodo de ver na forma da lingua o caracter de qualquer mortal. Assim, lingua comprida, indica franqueza; curta, dissimulação; tagarellice é propria das linguas largas e compridas; sendo estreita, torna-se indice de fraqueza moderada; astuto e mentiroso é o portador de lingua estreita e curta.

Ahi fica o aviso aos que andam de bocca aberta...



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Decifradores

Do n.º 7
Em concurso.—Augusto Carvalho (12), Marianno Ribeiro (12), Manoel de Sousa (12), Sado (10), Lútras (9).

Decifrações do numero antecedente

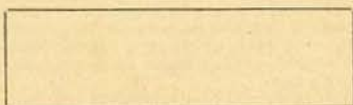
Epistoma—Cardamina — Carapeta — Rainha Cláudia—Mantó—Fado—Tubarão—Centro, en-

tro—Partilha—Subtilmente—Anteparo—Descasca—Os lobos não se comem uns aos outros—lha.

Logogripho

Rapido

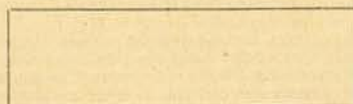
Fraço 1,2,3,4,5 Entendimento 6,7,8,9,10
Com fraqueza J. P.



Novissimas

O numero da belleza é descortezia-1,2.

E. RAMOS



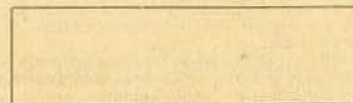
A mulher de Dario, contou o espaço de 4 annos-1-1.

LITRAS



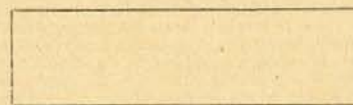
A nota no tecido é uma flor-1-2.

J. L. C. (SADO)



Do leite e do vinho tirei uma mulher-2-2.

FAUSTO NEVES



Este signal corre no cartorio-2-2.

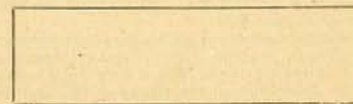
A BRANDO



Augmentativas

Esta cidade é um nome-2.

GALHÊTO



Trilha o que é das boticas-2.

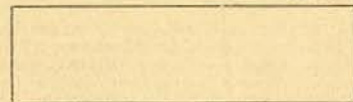
AUROF LUU



Adicionada

Hortaliça-2
ba
Príncipe indiano-3

SILVINO



Enygmas

Typographicos

E
EE
E E
E E
E E
E E E E E
E E E

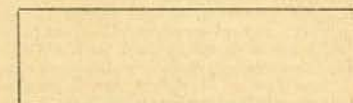
Cabo (Na cara)

FAUSTO NEVES



Côr ej odalosi

AÇNAREPSE



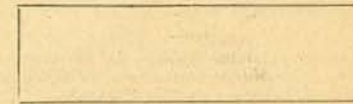
PA PA SE
PA PA SE

A. B.

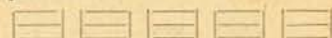


nota, nota, nota

J. L.



De palitos



Tirando 5 palitos tereis um animal.

E. RAMOS



Artigos a decifrar, 14.

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1."

FAZER UMA VISITA
A
Ménagère de Lisboa

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa de **util e necessario, bom e barato.**

Para ter uma habitação confortavel, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

Ménagère de Lisboa

sempre e antes de entrarem em qualquer outro **estabelecimento.**

35, Rua do Caes do Tojo, 35

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 rs. de transporte

TELEPHONE 97

JOAQUIM REGO
ARMAZEM POPULAR
N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.
CAPAS PARA SENHORAS
Preços sem competencia
154—RUA DA PALMA—156
LISBOA

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

AOS EMPREZARIOS

DE
CASAS DE ESPECTACULOS

No Salão Recreio do Povo trabalha uma esplendida machina Gaumont, o proprietario da mesma tambem vende fitas novas e usadas assim como tem projector annunciador que aluga.

Montagem de animatographos tanto em Lisboa como fóra.

Dirigir-se a

Archimedes Silva

Rua Silva e Albuquerque

SALÃO RECREIO DO POVO

LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, refeituario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo instituto

J. COSTA BRAGA

BICICLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTACOES



CASA VELO-PORTUGAL
J. da COSTA BRAGA—21 RUA MARIA, 23 LISBOA
BICICLETAS DAS MAIS PROPOSTAS AS DE MAIOR LEMPO PARA PREÇOS BASTANTE
ABSORVEM O ESPALHADO
RECORRAL DE BARRA E ALUMINIO—PNEUS "MAGNUM" E "LUX" QUE SÃO OS MELHORES

21, RUA MARIA, 23

Casa
Chineza
Antiga loja de
CHÁ E CAFÉ
Chás verdes e pretos
Leques de novidade



O MELHOR
CHÁ E CAFÉ
QUE SE VENDE
EM LISBOA
234—RUA DO OURO—236

Louças e charões
da China e Japão
Lenços de senda da India

O lote mais especial das melhores marcas do
CAFÉ K. 720

JOAQUIM PEREIRA DA CONCEIÇÃO
234, Rua do Ouro, 236

(em frente do Monte-pio Geral)

TELEPHONE N.º 825

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

O Lamparina

LETRA DE

E. Schwalbach Lucci

FADO

MUSICA DE

Filippe Duarte

PIANO.

8.ª

Voz

Côro

1. 8.ª

2. 6.ª

Poz a Rosa ao Lamparina
Do seu coração no altar,
Toma tento Lamparina
Não te deixes apagar.
Toma tento, tem cautella } bis
Não vão os ladrões entrar
De noite lá na capella-bis

Oh-i, oh-ai,
Oh, que linda capella
Oh-i, oh-ai,
Quem me dera entrar n'ella

Côro
Oh-i, oh-ai,
Roubos do coração
Oh-i, oh-ai,
Sempre encontram perdão

Depois da Rosa casar
O marido, junto d'ella
Não deixava de espreitar
Se entrava alguém na capella } bis
E não via o espertalhão
Que a sentinella constante
N'este caso era o ladrão-bis

Oh-i, oh-ai,
Só quando percebeu
Oh-i, oh-ai,
Pr'á Rosa assim voltou :

Côro
Oh-i, oh-ai,
Roubos do coração
Oh-i, oh-ai,
Sempre encontram perdão

NO PROXIMO NUMERO:
GENTIL valsa por JOSÉ PINTO DA COSTA